

HUMANAS E SOCIAIS

V.9 • N.2 • 2021 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2021v9n2p229-243



ANÁLISE CINEMATOGRAFICA DO FILME “ASSASSINOS POR NATUREZA” SOB A ÓTICA DA TEORIA SOCIAL COGNITIVA

SYMBOLIC MODELING: CAN HOMICIDE BEHAVIOR BE LEARNED
FROM THE MEDIA? - CINEMATOGRAPHIC ANALYSIS

ANÁLISIS CINEMATOGRAFICO DE LA PELÍCULA “ASSASSINOS POR
NATUREZA” BAJO LA ÓPTICA DE LA TEORÍA SOCIAL COGNITIVA.

Andressa Pereira Lopes¹
Vilma Janaína Rios Cabral Victal²
Bianca Tenório de Aguiar³

RESUMO

O comportamento transgressor, segundo a Teoria Social Cognitiva (TSC) de Bandura, é regido tanto por sanções sociais quanto por autossanções. Portanto, uma mídia pode estimulá-lo: alterando a expectativa de sanção social, favorecendo a modelação e desativando padrões morais internalizados – por desengajamento moral (DM). Este artigo teve por objetivo analisar o filme “Assassinos por Natureza” (1994) de Oliver Stone, com base na Teoria Social Cognitiva. Foi realizada pesquisa documental e bibliográfica. Dessa forma, foram encontrados registros de aproximadamente 100 crimes inspirados no filme. Encontrou-se ainda no filme fatores que proporcionam a modelação e mecanismos de DM. Sugere-se que a TSC pode ajudar na classificação etária de mídias e subsidiar políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVE

Teoria Social Cognitiva. Modelação. Desengajamento Moral.

ABSTRACT

The transgressor behavior, according to Bandura's Social Cognitive Theory (TSC), is governed both by social sanctions and by self-sanctions. Therefore, a media can stimulate it: changing the expectation of social sanction favoring the modeling and deactivating internalized moral standards - by moral disengagement (DM). This paper aimed to document the murders related to the movie "Assassins by Nature" (1994) by Oliver Stone and to analyze them (both) based on the Social-Cognitive Theory of Bandura, identifying and discussing the modeling and the mechanisms of DM in the behavior of the protagonists and viewers. Documentary and bibliographical research was done. Records of approximately 100 crimes inspired by the film were found. Factors that provide the modeling and mechanisms of DM have also been found in the film. It is suggested that TSC can help in the age classification of media and subsidize public policies.

KEYWORDS

Cognitive Social Theory. Modeling. Moral Disengagement.

RESUMEN

El comportamiento transgresor, según la Teoría Cognitiva Social (TSC) de Bandura, se rige tanto por sanciones sociales como por autosanaciones. Por tanto, un medio puede estimularlo: cambiando la expectativa de sanción social favoreciendo el modelado y desactivando los estándares morales internalizados - por el desenganche moral (DM). Este trabajo tuvo como objetivo documentar los asesinatos relacionados con la película "Assassins by Nature" (1994) de Oliver Stone y analizarlos (ambos) a partir de la Teoría Social-Cognitiva de Bandura, identificando y discutiendo el modelado y los mecanismos de la DM en el comportamiento de los protagonistas y espectadores. Se realizó una investigación documental y bibliográfica. Se encontraron registros de aproximadamente 100 crímenes inspirados en la película. Los factores que proporcionan el modelado y los mecanismos de la DM también se han encontrado en la película. Se sugiere que TSC puede ayudar en la clasificación por edades de los medios y subsidiar las políticas públicas.

PALABRAS-CLAVE

Teoría Social Cognitiva. Modelado. Separación moral.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Albert Bandura as pessoas aprendem, não apenas por experiência direta, mas também observando o comportamento de outras pessoas (FEIST; FEIST, 2015), ou seja, por exposição a um modelo. Esta aprendizagem sofre influências de vários fatores como as características do modelo, do observador, as consequências da ação do modelo, dentre outras.

As implicações desta teoria de Bandura são de longo alcance. Os achados de Bandura sugerem que é absolutamente possível que expor crianças a várias formas de mídia violenta como televisão, música ou vídeo games (HARMENING, 2010) possa aumentar a frequência com que apresentam estes comportamentos.

Uma mídia pode influenciar o seu destinatário, alterando sua expectativa de sanção social. É o que ocorre quando um herói resolve seus problemas com violência e não é punido. A influência é ainda mais significativa se sua atitude é legitimada, glamourizada ou apenas tratada de maneira trivial.

Também é de Bandura a teoria do Desengajamento Moral, segundo a qual mesmo pessoas comuns podem praticar atos cruéis apesar de ter valores morais introjetados (AZZI, 2011).

O filme “Assassinos por Natureza” (1994) de Oliver Stone, com roteiro de Quentin Tarantino, conta a história de Mickey – representado por Woody Harrelson – e Mallory Knox – Juliette Lewis –, um casal homicida que se uniu pelo desejo que um sente pelo outro e pelo prazer que sentem com a violência. Em três semanas o casal mata aproximadamente 50 pessoas, sempre deixando algum sobrevivente para contar que foram eles os autores. Durante os crimes, sempre acompanhados de trilha sonora de muito *rock and roll*, o casal manifesta prazer em matar.

A cobertura feita pela imprensa sensacionalista, representada no filme pelo programa de televisão *American Maniacs* e pelo repórter Wayne Gale – Robert Downey Junior –, confere-lhes enorme popularidade, o que alimenta ainda mais o interesse da imprensa no casal, num ciclo vicioso. Nem mesmo a prisão dos protagonistas impede este sucesso, que na verdade só aumenta. Assim, após terem angariado uma legião de fãs, que inclui a esta altura o próprio repórter sensacionalista, o casal consegue fugir da prisão, mata o referido repórter e seguem juntos, livres, felizes, e agora com filhos (ASSASSINOS..., 1994).

O presente artigo teve por objetivo geral analisar o filme “Assassinos por Natureza” (1994) de Oliver Stone, com base na Teoria Social Cognitiva. Como objetivos específicos, documentou-se os crimes relacionados ao filme “Assassinos por Natureza”, identificando e discutindo o desengajamento moral no comportamento dos protagonistas e a modelação dos telespectadores que se envolveram em comportamentos criminosos a partir do filme.

2 METODOLOGIA

Foi realizada pesquisa bibliográfica de livros e artigos científicos, disponíveis, em texto completo na forma impressa e na base de dados Google Acadêmico com vistas à descrição das teorias sobre os achados das pesquisas de Bandura e suas teorias deles decorrentes.

Para o levantamento de crimes relacionados ao filme fez-se uma pesquisa documental, visando uma perspectiva longitudinal. Esse levantamento documental foi realizado em artigos, sites de jornais de grande circulação, programas de TV e documentários publicados desde a exibição do filme nos EUA – 1994 – até 2017.

3 MODELAÇÃO E O FILME “ASSASSINOS POR NATUREZA”

Bandura desenvolveu sua teoria, que inicialmente se chamava Teoria da Aprendizagem Social, baseado na ideia de que pode ocorrer aprendizagem de comportamentos por meio de observação ou de um exemplo, não sendo necessário um reforço direto como sustentava Skinner com seu condicionamento operante. Esta forma de aquisição ou de modificação de comportamento mediante observação do comportamento alheio foi por ele denominada de modelação (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015).

Seus estudos iniciais para demonstrar esta modelação foram realizados em 1961 com crianças e um boneco inflável – um João-bobo. Neste experimento, as crianças que assistiram um adulto agredir o boneco, tão logo se viam sozinhas com o João-bobo, começavam a agredi-lo. Estas crianças apresentaram o dobro das atividades agressivas verificadas em um grupo controle que não havia sido exposto ao exemplo do adulto, agredindo o boneco (BOBO..., 2016). Logo, Bandura apresentou por meio desse experimento que os comportamentos agressivos podem ser aprendidos por modelação.

Em outro experimento feito em 1963, Bandura, Ross e Ross (1963) dividiram 96 crianças (48 meninos e 48 meninas) em três grupos experimentais e um grupo controle: o primeiro grupo experimental observou um modelo ao vivo se comportando com agressividade física e verbal com inúmeros brinquedos; o segundo grupo experimental observou um filme que mostrava o mesmo modelo se comportando de maneira idêntica; o terceiro grupo experimental assistiu um desenho animado em que um modelo, vestido como um gato preto, também se comportava agressivamente contra os brinquedos. As crianças do grupo-controle não foram submetidas a um modelo agressivo.

Depois que as crianças nos três grupos experimentais observaram o modelo xingando, chutando e batendo nos brinquedos, inclusive um João-bobo, elas foram conduzidas para outra sala, onde foram frustradas de forma sutil. Logo após tal frustração, cada criança entrava na sala experimental, que continha alguns brinquedos que podiam ser usados de modo agressivo. Havia também brinquedos não agressivos (como um aparelho de chá e material para colorir). Os observadores assistiram e registraram as respostas agressivas ou não das crianças por meio de uma sala de espelho (ou seja, as crianças não sabiam que estavam sendo observadas).

O que se observou foi que as crianças expostas a um modelo agressivo exibiram mais respostas agressivas do que aquelas que não tinham sido expostas. Entre os três grupos experimentais não foram observadas diferenças na quantidade total de agressividade manifestada pelas crianças (BANDURA; ROSS; ROSS, 1963). Dessa forma, identificou-se que um comportamento agressivo poderia ser aprendido e replicado também mediante a exposição de crianças a modelos agressivos pela televisão, ainda que o modelo agressor seja um personagem de desenho animado.

As pesquisas subsequentes levadas a efeito por Bandura trouxeram à tona mais detalhes sobre como esse aprendizado comportamental se dá e como ele é intensificado ou inibido. Nesse toar, apontou que o aprendizado é orientado por quatro subfunções: processos de atenção, processos de retenção, processo de produção e processo motivacional (BANDURA, 2001).

A atenção é importante, pois somente aquilo que atrai a atenção do sujeito pode ser aprendido, de modo que os atributos do modelo ou do observador que contribuam para a atenção também contribuirão com a aprendizagem (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015).

O processo de retenção também exerce seu papel, uma vez que não há aprendizagem sem uma representação simbólica interna seguida de memorização. Este processo é mais efetivo pela transformação simbólica da informação modelada em código de memória e pelo resgate repetido da informação codificada. Desse modo, preconceitos e estados afetivos podem deturpar ou intensificar a retenção (BANDURA, 2001).

O processo de produção consiste em treinar. Para aprender, é preciso também praticar. Nesse passo o observador indaga “Como posso fazer isto?”, ensaia simbolicamente as respostas relevantes e experimenta, por vezes de forma reiterada, o novo comportamento. Após, monitora e avalia o próprio desempenho (FEIST; FEIST, 2015)

Por fim, o processo de motivação, o qual Bandura (2001) destaca que as pessoas não executam tudo o que aprendem. É necessário estar motivado para tanto. Este processo é influenciado por três tipos de incentivos: direto, vicário e motivações internas (autoaprovação e autocensura).

Como apresentado, a aprendizagem social de uma pessoa não está limitada aos exemplos fornecido pelos modelos do seu ambiente social. Há uma grande quantidade de informações sobre valores humanos, modos de pensar e comportamentos são aprendidos a partir de modelos oriundos de outro tipo de ambiente, o dos meios de comunicação em massa, por um processo que Bandura denominou de modelação simbólica. Este tipo de modelação possui largo alcance e alto impacto psicossocial (BANDURA, 2001).

Assim sendo, não foi por acaso que o filme “Assassinos por Natureza” esteve associado a aproximadamente 100 homicídios, como apontado por Regoli, Hewitt e Lisi (2017) com a peculiaridade de que a grande maioria dos assassinos admitiu sem constrangimentos que o filme era a fonte de inspiração para suas ações.

Com efeito, no mesmo ano de seu lançamento, em setembro de 1994, um adolescente de 14 anos de Dallas, Texas, decapitou uma menina texana de 13 anos. O garoto afirmou que queria “ser famoso como os ‘Assassinos por Natureza’” (QUEIROZ, 2012, on-line).

Em outubro de 1994, um garoto de 17 anos, Nathan Martinez de Bluffdale, Utah, atirou e matou sua madrasta e sua meia-irmã de 10 anos enquanto dormiam. Ele foi preso três dias depois em O’Neill, Nebraska. Martinez era assumidamente obcecado pelo filme e admitiu tê-lo visto pelo menos umas 10 vezes. Amigos disseram que ele estava infeliz em casa e falava frequentemente em matar sua família. Chegou a raspar a cabeça e a adquirir óculos escuros iguais ao de Mickey Knox para ficar mais parecido com ele (MURPHY, 1994). Na fuga Nathan parou para comprar um CD com a trilha sonora do filme que seguiu ouvindo enquanto dirigia (THE THE KILLING SCREENS, 1995).

No ano seguinte ao do lançamento do filme, ou seja, em 1995, o casal Sarah Edmondson, 19 anos e Benjamin Darras, 18 anos, após uma noite inteira assistindo ao filme e usando LSD, saíram em uma

caminhonete pela estrada a caminho da cidade de Memphis, no Tennessee. Numa loja de conveniência, na cidade de Hernando, em Mississippi, mataram William Savage. Na passagem pela cidade de Ponchatoula, na Louisiana, deixaram paraplégica Patsy Byers uma vendedora de uma loja de conveniência. Patsy Biers moveu uma ação judicial contra os produtores do filme, mas acabou perdendo (BROOKS, 2002). Na batalha judicial muito se discutiu sobre a Primeira Emenda da Constituição Americana e sobre a questão acerca da real influência de um filme em incitar a violência (BROOKS, 2002).

Ainda em 1995, Jason Lewis, 15 anos, morava com seus pais numa casa-trailer em Senoia, Georgia. No dia 5 de março de 1995 ele estava conversando ao telefone com um amigo sobre seu plano de matar os pais e em seguida partir em uma viagem rodoviária de morte e caos ao modo de seu filme favorito “Assassinos por Natureza”. No meio da conversa ele disse: “- E eu vou fazer isso agora mesmo”. Enquanto seu amigo permanecia na linha telefônica e atirou em seu pai e na sua mãe com uma arma de caça. Após, retornou ao telefone e disse: “- Eu fiz isso. Está feito.” Lewis disse que estava com raiva porque seu pai, que era motorista de caminhão, havia determinado um toque de recolher à meia noite (SENNOTT, 1995).

O filme também foi apontado como uma influência para os autores do massacre de Columbine, ocorrido em 20 de abril de 1999. O referido massacre foi levado a efeito por dois adolescentes e deixou 15 mortos e 21 feridos na *Columbine High School*, em Littleton, Colorado. Ambos os assassinos eram fãs de “Assassinos por Natureza” e foi encontrada a frase “go NBK” – numa clara alusão ao título original do filme *Natural Born Killers* – nos diários de Eric Harris e Dylan Klebold, onde também foi dito que este era um dos filmes prediletos da dupla (DALY, 1999).

Mais de 10 anos depois, uma garota de 12 anos que morava em Medicine Hat, Alberta, Canadá, rebelou-se porque seus pais tinham proibido seu namoro com Jeremy Allan Steinke, que era bem mais velho. Assim, no dia 23 de abril de 2007 Jeremy Allan Steinke, com a ajuda de sua namorada, assassinou a facadas os pais e o irmão dela. Em uma fita de áudio alegou esse era seu “legado de amor ao filme ‘Assassinos por Natureza’” (QUEIROZ, 2012).

Jeremy Alan Steinke à época tinha 23 anos. Ele tinha abandonado o ensino médio, estava desempregado e fazia parte de um grupo de cultura gótica. A namorada também fazia parte de um movimento gótico. Há relatos de que ela gostava quando percebia que era temida por seus colegas da escola, devido a suas roupas escuras e maquiagem carregada. Em trocas de mensagens digitais ela disse ao namorado que tinha um plano que começava matando seus pais e acabava fugindo com ele. Após o crime não demonstrou remorso. Tampouco foram encontradas evidências de abusos por parte dos pais (RICHARDSON..., 2016).

Em 2008 na cidade Milwaukee, Eric Tavulares, com 18 anos, estava com sua namorada Lauren Aljubouri, de mesma idade. Segundo ele, eles já tinham assistido o filme de Oliver Stone umas dez ou vinte vezes e, naquela noite, tinham assistido mais uma vez. Eles já namoravam há anos. Eric disse não se lembrar bem do que ocorreu, mas que em certo momento ele mudou mentalmente e rolou sobre Lauren estrangulando-a. Quando a polícia chegou a seu apartamento ele dizia: “- Eu fiz isso. Eu não acredito. Eu fiz isso” (TEEN ACCUSED, 2008, on-line).

Um exemplo de modelação que acontece no próprio filme está no momento em que alguns personagens no próprio filme chegaram a se tornar homicidas inspirados pelos protagonistas, como na

cena em que um policial, entusiasmado pela performance do casal pede para segui-los, como se fossem líderes de uma seita. Essa acaba por oferecer mais um modelo a ser aprendido pelos telespectadores, o de admiradores e seguidores do casal homicida.

A cobertura feita pela imprensa sensacionalista, representada no filme pelo programa de televisão *American Maniacs* e pelo repórter Wayne Gale, confere ao casal enorme popularidade, o que alimenta ainda mais o interesse da imprensa no casal, num ciclo vicioso. Nem mesmo a prisão dos protagonistas freia este sucesso, que na verdade só aumenta. Assim, após terem angariado uma legião de fãs, que inclui a esta altura o próprio repórter sensacionalista, o casal consegue fugir da prisão, mata o referido repórter e seguem juntos, livres, felizes, e agora com filhos.

Os roteiristas admitiram que tomaram o circo midiático que foi criado em torno dos atos terríveis de Charles Manson, famoso assassino em série americano, como inspiração para as cenas em que a imprensa faz uma intensa cobertura dos crimes dos protagonistas, que acabou por promover uma verdadeira glorificação da violência (MARCHETTI, 2014). Uma mídia pode influenciar o seu destinatário, alterando sua expectativa de sanção social. A influência é ainda mais significativa se sua atitude é legitimada, glamorizada ou apenas tratada de maneira trivial (BANDURA, 2001).

Bandura (2001), após vários experimentos observou que as pessoas são motivadas a modelar seus comportamentos quando observam pessoas bem-sucedidas. Por esta razão, as pessoas preferem os poderosos aos impotentes (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015). Sendo assim, o prazer, a sensação de liberdade e o poder manifestados por Mickey e Mallory Knox, enquanto saem de carro pela estrada e matam aproximadamente 50 pessoas, consiste provavelmente num fator fomentador do processo de modelação.

As pessoas que não possuem *status*, habilidade ou poder têm maior probabilidade de aprender por modelação. Da mesma forma, crianças modelam mais do que as pessoas mais velhas. Novatos também tem maior probabilidade de modelar do que os *experts* (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015). Sendo assim, temos que as características do observador também afetam a probabilidade da modelação.

Pesquisas têm apontado, ainda, que a circunstância de ser o modelo uma celebridade atua como fator favorecedor para a modelação (FEIST; FEIST, 2015). Modelos atraentes tem maior probabilidade de serem observados dos que os não tão atraentes, pois naturalmente obtém mais atenção do público (BANDURA, 2001) e “[...] figuras populares na televisão, em esportes ou em filmes tendem a ser observadas de modo atento” (FEIST; FEIST; 2015, p. 331).

Logo, identificou-se que o roteiro tomou por base vários fatos reais que tiveram grande repercussão na sociedade americana, o que provavelmente torna muitas de suas cenas mais verossímeis – apesar de extremas – e faz com que seus protagonistas tivessem alguns caracteres reais passíveis de identificação por parte do público. Como já destacado acima, modelos mais semelhantes ao observador tem maior probabilidade de serem imitados (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015).

Essa parece ter sido a razão pela qual, ainda no ano de seu lançamento, em setembro de 1994, um adolescente de 14 anos de Dallas, Texas, tenha decapitado uma menina texana de 13 anos. O garoto afirmou que queria “ser famoso como os ‘Assassinos por Natureza’” (QUEIROZ, 2012).

A busca pela glória, fama e sensação de poder também parece ter influenciado Eric Harris e Dylan Klebold, autores do massacre de Columbine, ocorrido em 20 de abril de 1999. Os dois, ado-

lescentes à época, deixaram 15 mortos e 21 feridos na *Columbine High School*, em Littleton, Colorado. Ambos os assassinos era fãs de “Assassinos por Natureza” e foi encontrada a frase “go NBK” – numa clara alusão ao título original do filme *Natural Born Killers* – nos diários de Eric Harris e Dylan Klebold, onde também foi dito que este era um dos filmes prediletos da dupla. Também foram encontrados trechos de conversas deles, nos quais indagavam qual estrela dirigiria o filme que seria feito para contar a história deles (DALY, 1999). O curioso é que o incidente realmente virou filme – “Tiros em Columbine” – dirigido por Michael Moore (2002).

É verdade que violência no cinema não é uma coisa rara, no entanto na maior parte das produções os personagens transgressores são presos, ou morrem. Bandidos com final feliz não são tão frequentes. No filme aqui analisado, o desfecho feliz para o casal que após fugir da cadeia vive cenas de família feliz, certamente também foi uma consequência recompensadora e provavelmente uma das maiores fomentadoras da modelação observada em seu público.

Por fim, a trama também oferece bastante material para justificar moralmente os crimes cometidos por Mickey e Mallory, como o abuso sexual sofrido por ela desde a infância, a violência do policial encarregado de suas prisões, além de outras técnicas trabalhadas por Bandura sob o conceito de Desengajamento Moral.

4 DESENGAJAMENTO MORAL E “ASSASSINOS POR NATUREZA”

As pessoas normalmente não se envolvem em condutas lesivas até que encontrem justificativa para si mesmos acerca da moralidade de suas ações (BANDURA, 1999). O conceito de desengajamento moral, proposto por Bandura, explica como as pessoas podem encontrar justificativas para cometer atos antissociais sem se sentirem culpadas ou censuradas por isso (AZZI, 2011). São formas de ativar ou desativar a apreensão da própria consciência.

Bandura (1999) identificou oito mecanismos de desengajamento moral: justificativa moral, comparação vantajosa, linguagem eufemística, minimização, ignorância ou distorção das consequências, desumanização, atribuição de culpa, deslocamento de responsabilidade e difusão de responsabilidade. Esses mecanismos foram agrupados em quatro tipos de desengajamento moral, a saber, mecanismos que atuam sobre a conduta em si, mecanismos que atuam sobre as consequências do comportamento, mecanismos que atuam sobre a vítima e mecanismos que atuam sobre a responsabilidade pelo comportamento (BANDURA, 1999).

Os mecanismos do primeiro grupo atuam sobre a conduta em si, redefinindo ou reconstruindo a natureza do comportamento. Isto é feito justificando moralmente a conduta, fazendo comparações vantajosas ou ainda rotulando suas ações de modo eufemístico (BANDURA, 1999).

Para a justificação moral da conduta realiza-se uma reconstrução cognitiva na qual a conduta transgressora é apresentada como tendo um propósito moral de valor (BANDURA, 1999). Na comparação vantajosa, a atitude danosa é comparada à outra atitude mais repugnante, para parecer correta. Geralmente terroristas justificam seus atentados comparando-os com crueldades generalizadas inflingidas aos grupos que representam.

Trata-se de um tipo de estratégia fundada em padrões morais utilitários. No entanto, Bandura (1999) adverte que este cálculo de custo-benefício pode conter uma série de vieses. Pois o futuro contém muitas ambiguidades e incertezas, de modo que esse tipo de raciocínio, que levantaria custos e benefícios humanos de longo prazo são suspeitos. Já a linguagem eufemística é usada para dar um aspecto menos repugnante à conduta danosa. Uma forma de fazer isso é quando se relata que após uma ação militar vidas foram perdidas, ao invés de afirmar que foram assassinadas (BANDURA, 1999).

Dentre os mecanismos que atuam sobre as consequências do comportamento, inclui-se: minimizar, ignorar ou distorcer as consequências nocivas de seu comportamento (BANDURA, 1999).

O terceiro grupo de mecanismos atua sobre a vítima, podendo desumanizá-la ou a atribuir a ela, ou mesmo às circunstâncias, a culpa pela conduta (BANDURA, 1999). Desumaniza-se uma vítima ao se afirmar que não merece o *status* de ser humano, quando ela é comparada a um animal, tachada de degenerada, qualificada como monstro, acusada de bruxaria, tida como tomada por possessões demoníacas.

Por meio da atribuição de culpa, o autor da conduta se vê como uma vítima inocente levada a agir pela provocação da própria vítima ou pelas circunstâncias que por uma decisão pessoal (BANDURA, 1999).

No quarto grupo há os mecanismos que atuam sobre a responsabilidade. As pessoas podem deslocar ou diluir a reponsabilidade por seu comportamento, obscurecendo a relação entre suas ações e os efeitos desta (FEIST; FEIST, 2015).

As pessoas têm maior probabilidade de se comportar de forma repugnante se uma autoridade legítima assumir a responsabilidade pelos efeitos negativos destas condutas. Essa foi a conclusão de Hannah Arendt (1999) após sua cobertura do julgamento de Adolf Eichmann, um tenente da SS – abreviação para *Schutzstaffel*, a poderosa organização paramilitar da Alemanha Nazista. Ele era apontado como idealizador da morte em massa de vários judeus. A referida autora esperava encontrar um monstro carasco, mas “Apesar de todos os esforços da promotoria, todo mundo percebia que esse homem não era um ‘monstro’, mas era difícil não desconfiar que fosse um palhaço” (ARENDR, 1999, p. 67).

Esse também foi um dos achados do famoso experimento levado a efeito por Milgram. Nele, verificou-se uma extrema disposição de pessoas adultas em obedecerem totalmente ao comando de uma autoridade ainda que a ação ordenada seja contrária aos imperativos morais destas pessoas. Ou seja, os participantes do estudo mesmo sem sofrerem coação ou ameaça decidiram obedecer à autoridade, ainda que estas lhes ordenassem a prática de crueldades (MILGRAM, 1983).

Assim sendo, tem-se aqui um poderoso e nada incomum, mecanismo de desengajamento moral, o deslocamento da responsabilidade, pelo qual uma pessoa se sente autorizada a praticar uma conduta que julgue imoral, contanto que esta conduta tenha sido determinada por uma autoridade que considere legítima (BANDURA, 1999).

A diluição (ou difusão) de responsabilidade por sua vez, é bem frequente quando há divisão de trabalho (BANDURA, 1999), na qual o indivíduo perde a noção de conjunto e não percebe que contribui para uma ação lesiva. Ocorre, também, quando uma decisão é tomada em grupo. Afinal, onde todos são responsáveis, ninguém se sente responsável.

No filme aqui analisado, os personagens principais praticam muita violência na tela, no entanto também é bem destacada a violência de seus pais, a violência do policial que os prendera, do diretor

do presídio e do jornalista sensacionalista. Oferece-se assim muito material para a atribuição de culpa, uma vez que acaba por induzir à conclusão de que foram as contingências que levaram os protagonistas a fazerem o que fazem. Mickey admite expressamente que seu avô era violento, seu pai também, de modo que, conclui o personagem, não havia como imaginar outro tipo de comportamento de sua parte.

No entanto, a cena mais rica na utilização de mecanismos de desengajamento moral é a cena em que Mickey é entrevistado na cadeia ao vivo para um programa sensacionalista que seria transmitido em horário nobre próximo à transmissão de evento esportivo que contava com grande audiência – *The Super Bowl*.

Na cena descrita, a seguir, identifica-se o uso de atribuição de culpa, às vezes em combinação com o mecanismo de difusão de responsabilidade. Quando Mickey Knox é indagado pelo jornalista Wayne Gale como ele era capaz de olhar uma pessoa comum, um policial inocente, pai de família e atirar até matar, Mickey respondeu:

Inocente? Quem é inocente, Wayne? Você é inocente? [...] É apenas homicídio, cara. Todas as criaturas de Deus fazem isso de um jeito ou de outro. Bem, observe uma floresta. As espécies matam umas às outras. A nossa mata todas, inclusive a floresta e chamamos de indústria, não de assassinato. E conheço muitas pessoas que merecem morrer.

Wayne: Por que merecem?

Mickey: Acho que todos têm no passado um segredo, um pecado. Muitas pessoas por aí já estão mortas. Só precisam acabar com seu sofrimento. É aí que eu entro. Mensageiro do destino. Se um grão de milho cai no chão e morre, ele fica lá. Mas, se ele morre dá muitos frutos.

Wayne: É a teoria de que todos são um pouco assassinos? É o que está dizendo?

Mickey: O lobo não sabe por que é lobo. [...] Deus fez assim.

Wayne: Então o mundo é predador.

Verifica-se que Mickey acusa suas vítimas, afirmando que muitas pessoas já merecem morrer por seus pecados e que outras pessoas já estão mortas, ainda que vivas. Desse modo suas vítimas não são tão inocentes assim, mas seres covardes, hipócritas que merecem morrer.

As demais pessoas estariam tão infelizes, vivendo existências medíocres que sua intervenção, matando-as, equivaleria a uma salvação. Utilizou-se, pois, de reconstrução cognitiva, pois deu um propósito nobre a seus crimes.

A comparação vantajosa estava presente na sua argumentação de que todos fazem isso de maneira sistemática, no mundo animal e dos humanos, mas somente ele não é hipócrita e admite que mata.

Destaca-se, também, que consiste numa reconstrução cognitiva a assertiva de que um milho ruim não serve para nada, mas morto vira uma semente, dando a seus homicídios uma conotação libertadora e fomentadora de evolução.

Wayne: Me diga, algum arrependimento? Quero dizer, três semanas, 50 pessoas mortas. Nada legal.

Mickey: 52, mas não perco tempo com arrependimentos. É perda de tempo. [...] Todos dizem que não somos nada. Depois de um tempo, você torna-se mau.

Há no trecho acima um exemplo de atribuição de culpa, do tipo em que o autor da conduta se vê como uma vítima inocente levada a agir pela provocação da própria vítima ou pelas circunstâncias que por uma decisão pessoal.

O recurso de reconstrução cognitiva foi usado em outra oportunidade, quando Mickey diz que matar é algo puro.

Wayne: Valeu a pena? Massacrar todas aquelas pessoas e ser separado do seu amor para o resto da sua vida?

Mickey: Um instante de minha pureza vale a sua vida de mentiras?

Wayne: Por favor, explique. Onde está a pureza que fez 52 pessoas sumirem do planeta porque encontraram você e Mallory? O que há de pureza nisso?

Mickey: Nunca entenderá, Wayne. Eu e você não somos da mesma espécie. Eu era como você, aí evolui. Você se acha um macaco. Para mim, é um macaco. Nem mesmo macaco, uma pessoa da mídia. A mídia é como o tempo, só que artificial. Assassinato? É puro. Vocês o tornam impuro. Vocês compram e vendem medo. Pergunta por quê? Eu digo: por que não?

Wayne: [...] por que sente essa pureza ao matar? Não minta.

Mickey: Acho que tem de segurar uma arma e entenderá, como entendi na primeira vez. Foi quando ouvi meu único e verdadeiro chamado na vida.

Wayne: Qual é, Mickey?

Mickey: Droga, cara. Sou assassino por natureza.

Mickey dá assim a seus homicídios um propósito maior, purificador, uma manifestação de honestidade. Aqui, no uso de atribuição de culpa, ele se coloca como levado a agir por sua natureza, por achar que Deus simplesmente o fez assim.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao todo identificou-se no filme aproximadamente dez fatores fomentadores de aprendizagem social: modelos jovens, atraentes; com características que os tornem semelhantes a grupos sociais mais vulneráveis, como baixa classe social; modelos confiantes; modelos que se tornam celebridades por seu comportamento criminoso; que exibem grande prazer, poder e sensação de liberdade com seus crimes; modelos que obtêm admiração na própria trama, inclusive com seguidores (fãs); um final feliz.

Deve ser destacado por fim que os adolescentes foram os telespectadores que mais se envolveram em comportamento criminoso, revelando-se como um grupo mais vulnerável à aprendizagem social.

Constatou-se, ainda, que os protagonistas utilizaram vários mecanismos de desengajamento moral: o mecanismo de atribuição de culpa foi usado em seis oportunidades, a justificação moral (reconstrução cognitiva) em duas, a difusão de responsabilidade e a comparação vantajosa foram utilizadas uma única vez, cada.

Este resultado sugere uma correlação positiva entre o número de elementos fomentadores de aprendizagem social e de mecanismos de desativação moral em uma mídia e o número de reproduções dos comportamentos expostos por seus telespectadores, ouvintes ou jogadores.

Embora a questão mereça mais estudos, os resultados encontrados até o momento já consistem num indicativo de que a teoria de Bandura pode ser útil e fornecer critérios racionais capazes de prever com razoável certeza o quanto um filme, uma música ou um jogo eletrônico será capaz de influenciar seus telespectadores, ouvintes ou jogadores. Sendo assim, esta teoria pode ser tomada com base para processos como classificação etária de programas e de jogos e para planejamento de ações de políticas públicas para controle de criminalidade.

REFERÊNCIAS

ARENDR, H. **Eichman em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal.** Tradução Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ASSASSINOS por Natureza. (Natural Born Killers) Direção Oliver Stone, Produção Don Murphy, Arnon Milchan, Intérpretes Woody Harrelson, Juliette Lewis e outros, Roteiro Quentin Tarantino, Oliver Stone, Richard Rutkowski, David Veloz, Estados Unidos: Warner Bros, 1994. (118 min) color.

AZZI, R. G. Desengajamento moral na perspectiva da teoria social cognitiva. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 208-219, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n2/v31n2a02>. Acesso em: 11 mar. 2017.

BANDURA, A.; ROSS, D.; ROSS, S. Imitation of film-mediated aggressive models. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 66, n. 1, p. 3-11, 1963. Disponível em: <https://www.uky.edu/~eushe2/Bandura/Bandura1963JASP.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2017.

BANDURA, A. Moral disengagement in the perpetration of inhumanities. **Personality and Social Psychology Review**, v. 3, n. 3, p. 193-209, 1999. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/9723/58e5ad7ae47ee93d9273af6694006dbcfa6d.pdf>. Acesso em: 22 set. 2017.

BANDURA, A. Social cognitive theory of mass communications. /n: BRYANT, J.; ZIILMAN, D. (ed.). **Media effects: advances in theory and research**. 2. ed. Hillsdale: NJ: Lawrence Erlbaum, 2001. p. 121-153. Disponível em: <https://www.uky.edu/~eushe2/Bandura/Bandura2001.pdf>. Acesso em: 30 out. 2017.

BOBO Doll Experiment: a study of aggression. 5 min, color. Estados Unidos, 19 mar. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3nh58Hwnl0E>. Acesso em: 20 dez. 2017.

BROOKS, X. Natural Born Copycats. **The Guardian**, Londres, 20 dez. 2002. Disponível em: <https://www.theguardian.com/culture/2002/dec/20/artsfeatures1>. Acesso em: 30 out. 2017.

DALY, M. Leading up to the Columbine High School Shooting. **New York Daily News**, New York, 25 abr. 1999. Disponível em <http://www.nydailynews.com/opinion/-article-1.832816>. Acesso em 30 out. 2017.

FEIST, J.; FEIST, G. J. Bandura. Teoria Social Cognitiva. *In*: FEIST, J.; FEIST, G. J. Bandura. **Teorias da personalidade**. 8. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2015.

HARMENING, W. M. **The Criminal triad**: psychosocial development of the criminal personality type. Springfield: Charles C Thomas Publisher, Ltd, 2010. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=GMasl0wOTrEC&pg=PA58&lpg=PA58&dq=natural+born+killer%2Bbandura&source=bl&ots=uMQW2ANKlx&sig=KKhka-lOyyYoJp5ARTJruiPOzGc&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjRxeiO5ZPWAhUD4SYKHZk vD_sQ6AEIYjAM#v=onepage&q=natural%20born%20killer%2Bbandura&f=false. Acesso em: 22 set. 2017.

MARCHETTI, R. Filmes inspirados em Serial Killers: Natural Born Killers. **Bang Mexerica**, 30 set. 2014. Disponível em: <https://bangmexerica.wordpress.com/2014/09/30/filmes-inspirados-em-serial-killers-natural-born-killers.>> Acesso em: 1 nov. 2017.

MILGRAM, S. **Obediência à autoridade. Uma visão experimental**. Trad. Luiz Orlando Coutinho Lemos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/335664588/Obediencia-a-autoridade-uma-visao-experimental-Stanley-Milgram-pdf#>. Acesso em: 29 set. 2017.

MURPHY, K. Nebraska Police Nab Teen Double-murder suspect. **AP News Archive**, Salt Lake City, 2 nov. 1994. Disponível em: <http://www.apnewsarchive.com/1994/Nebraska-Police-Nab-Teen-Double-Murder-Suspect/id-323015c002c014f9a9d91bdf0459d89>. Acesso em: 31 out. 2017.

QUEIROZ, R. À procura de um vilão. **O popular**, Goiânia, 29 jul. 2012. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/editorias/magazine/%C3%A0-procura-de-um-vil%C3%A3o-1.181698>. Acesso em: 11 mar. 2016.

REGOLI, R. M.; HEWITT, J. D.; DE LISI, M. **Delinquency in society**. 10. ed. Burlington: Jones & Bartlett Learning, 2017.

RICHARDSON Family murder documentary. **Female Killers**, 18 ago. 2016. 17 min., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uN0qXAEkBoQ>. Acesso em: 2 nov. 2017.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. Albert Bandura: teoria da modelagem. *In*: SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **Teorias da personalidade**. Tradução All Tasks, Priscila Lopes e Livia Koepl. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

SENNOTT, Charles. **SFGate**. São Francisco, 20 mar. 1995. Disponível em: <http://www.sfgate.com/news/article/Another-Natural-Born-Killer-Shoots-Parents-3041677.php>. Acesso em: 31 out. 2017.

TEEN ACCUSED of Strangling Girlfriend After Watching ‘Natural Born Killers’. **Fox News**, Milwaukee, 22 jul. 2008. Disponível em: <http://www.foxnews.com/story/2008/07/22/teen-accused-strangling-girlfriend-after-watching-natural-born-killers.html>. Acesso em: 1 nov. 2017.

THE KILLING SCREENS. **Panorama**. Direção: Sarah Powell. Roteiro: Vivian White. Produção: BBC. 8 min, color. Reino Unido, 27 fev. 1995. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rbwSISWo_UQ. Acesso em: 1 nov. 2017.

TIROS em Columbine. Direção: Michael Moore. Produção: Jim Czarnecki, Michael Moore. Intérpretes: Michael Moore e outros. Roteiro: Michael Moore. Estados Unidos: Alliance Atlantis Communications, Dog Eat Dog Films e outros, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mF2quYK3XnU>. Acesso em: 2 set. 2017.

Recebido em: 8 de Setembro de 2020

Avaliado em: 8 de Maio de 2021

Aceito em: 10 de Maio de 2021



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Doutora em Psicologia Clínica; Mestre em Psicologia da Saúde; Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental; Professora universitária no Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: andressa_lopes@hotmail.com

2 Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes - UNIT/AL. E-mail: vilmajrcvictal@hotmail.com

3 Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: biancataguiar@hotmail.com



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA

